



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

MARIA DE MAGDALA ESMERALDO MELO

O Discurso Perverso na Literatura: Uma Visão Psicanalítica.

CAMPINA GRANDE – PB
2011

MARIA DE MAGDALA ESMERALDO MELO

O Discurso Perverso na Literatura: Uma Visão Psicanalítica.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Psicologia

Orientador (a): Prof^ª Dr^ª Jailma Souto Oliveira da Silva

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

M528d

Melo, Maria de Magdala Esmeraldo.

O discurso perverso na literatura [manuscrito]: uma
visão psicanalítica / Maria de Magdala Esmeraldo Melo.
– 2011.

29 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde,
2011.

“Orientação: Prof. Dra. Jailma Souto Oliveira da
Silva, Departamento de Psicologia.”

1. Psicanálise. 2. Análise do Discurso. 3.
Literatura. I. Título.

21. ed. CDD 150.195

O Discurso Perverso na Literatura: Uma Visão Psicanalítica.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção
do grau de Bacharel e Licenciado em
Psicologia.

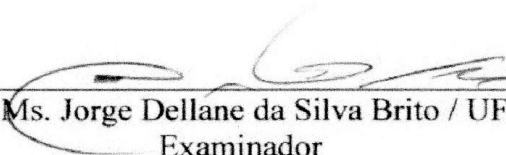
aprovada em 22/06/2011.



Profª Drª Jailma Souto Oliveira da Silva / UEPB
Orientadora



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB
Examinador



Prof. Ms. Jorge Dellane da Silva Brito / UFCG
Examinador

O Discurso Perverso na Literatura: Uma Visão Psicanalítica.

MELO, Maria de Magdala Esmeraldo¹

RESUMO

Neste trabalho, nos propomos a analisar, numa visão psicanalítica, como o discurso perverso aparece no livro “*História do Olho*”, de Georges Bataille. Primeiro faremos uma explanação sobre a relação existente entre a psicanálise e a literatura, que aparece já nos escritos de Freud. Discorreremos também sobre o trajeto percorrido pelo sujeito até ficar preso numa posição perversa e como isso aparece no discurso. Analisamos então as falas principais do livro, onde a questão da recusa da castração (a “*Verleugnung*”), a transgressão das leis, o fetichismo, o gozo sem limites, entre outros mecanismos primordiais do sujeito perverso se mostram presentes e o caracterizam como um discurso perverso.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, Perversão, Literatura, Discurso Perverso.

1. INTRODUÇÃO

Falar de um discurso literário significa falar de um discurso desequilibrado sobre a realidade, e é aí que está o seu encanto. A literatura carrega em sua bagagem o não inconsciente, e a psicanálise, uma teoria sobre o que escapa ao consciente. Desse modo, nós somos tentados a aproximá-las e até a confundi-las (NOEL, J-B., pág 13). Nos propomos, neste trabalho, a fazer uma análise da obra de literatura “*História do Olho*”, do francês Georges Bataille, a partir de uma visão psicanalítica de seus discursos.

Curiosamente, Bataille começou a escrever por estímulo de seu psicanalista Adrien Borel, que o estimulou a colocar no papel suas obsessões da infância e suas fantasias sexuais. Em entrevista a Madeleine Chapsal, pouco antes de morrer, ele afirma que “o primeiro livro que escrevi, só pude escrevê-lo depois da psicanálise, sim, ao sair dela. E julgo poder dizer que só liberto dessa maneira pude começar a escrever”. Podemos afirmar que tanto o leitor quanto o escritor lêem, numa obra literária, primeiramente, a si mesmos, quer tenha escrito ou lido uma obra.

Freud sempre afirmou que, preexistindo à psicanálise, a literatura e a arte anteciparam e confirmaram-nos algumas descobertas da clínica psicanalítica. Gilcia Gil Beckel, em

¹ Estudante de graduação em psicologia, magdala.psi@gmail.com

“Literatura e Psicanálise: Qual a relação?”, diz que, sendo uma expressão do inconsciente, a literatura permite ao escritor a sublimação de suas pulsões, atendendo, assim, a um desejo de expressão. Dessa maneira, a literatura nos fornece inúmeros elementos para a análise de manifestações inconscientes.

Para Lacan, o "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", e também "o inconsciente é o discurso do outro". Podemos afirmar, então, que assim como na literatura, o sujeito constitui-se como discurso alterado (BELLEMIN-NOEL, J., pág 28).

Deslocando suas obsessões para a escrita, Bataille presenteia-nos com uma narrativa semelhante a um conto de fadas *noir*, onde seus personagens vivem numa espécie de prisão onírica, onde podem fazer tudo. Ele afirma que suas lembranças pessoais só puderam tomar vida deformadas, irreconhecíveis, e, ao falar sobre literatura, afirma que “sendo inorgânica (...) é irresponsável. Nada pesa sobre ela. Pode dizer tudo.”

O escritor tem direito a uma visão fantasista das coisas: ele é, aos olhos de seu público, uma criança grande, ou um perverso inofensivo. Em seu livro, Bataille utiliza-se de um discurso perverso, imagético e descritivo, onde seu protagonista apresenta muitos traços de um sujeito que se encontra na posição perversa, transgredindo as leis e sempre em busca de um gozo sem limites. Faremos, na última parte deste trabalho, uma análise com as principais falas onde aparecem a questão da perversão.

2. LITERATURA E PSICANÁLISE

“A poesia não fala de tudo. Existe uma parte da vida sobre a qual a poesia não fala, mas eu também sou essas outras coisas.” (Ferreira Gullar)

A psicanálise não possui técnicas imperativas ou códigos transparentes. Não lhe pertence um modelo pronto, certificado ou conceitos monovalentes: ela apoia-se numa teoria densa e numa prática proveniente do um a um, do cada caso. Jean Bellemin-Noel (1978) diz que a psicanálise “mais do que uma ciência é *a arte de decifrar uma verdade* em todos os setores enigmáticos da experiência humana, tal como o homem a vive, isto é a "fala" a um outro ou a si mesmo.” O autor afirma também que é através da literatura que nós nos tornamos conscientes da nossa humanidade, que pensa e que tem necessidade de falar, visto que a língua que aprendemos quando criança com nossos pais serve para agir: perguntar,

responder, interrogarmo-nos sobre nós mesmos, sobre nossa história, nosso funcionamento mental, enfim, viver:

“As palavras de todos os dias reunidas de uma certa maneira adquirem o poder de sugerir o imprevisível, o desconhecido; e os escritores são homens que, escrevendo, falam, sem o saberem, de coisas que literalmente 'eles não sabem'. O poema sabe mais que o poeta.” (NOEL, J-B., 1978, pág 12-13)

Até obter reconhecimento e seguidores estudiosos, a psicanálise passou por um trajeto laborioso, que demandou inúmeros estudos e pesquisas. Para obter a apreciação da sua originalidade, a literatura percorreu o mesmo caminho. A psicanálise e a literatura lêem o humano pelo exercício da palavra. Freud partiu inúmeras vezes da literatura para explicar e construir conceitos da sua teoria, como em *Édipo Rei*, de Sófocles, nas tragédias de Shakespeare, e em *Gradiva* de Jensen. Ele sempre apontou a produção dos escritores e poetas como rica em saber sobre a condição humana.

Freud estuda a produção criativa dos escritores em seus devaneios e conclui que estes criam um mundo de fantasia que levam muito a sério, investindo uma grande quantidade de emoção, mas mantendo uma separação nítida entre o fantasiado e o real (FREUD, S., 1908).

O escritor criativo faz o mesmo que uma criança que brinca. Ela sabe separar o mundo real e o imaginado, reajustando elementos da sua vida de modo que lhe dê prazer. Freud diz em seu texto “*Escritores Criativos e Devaneios*” que “A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real.”

Paralelos entre a elaboração onírica e elaboração poética são traçados a partir da interação entre a psicanálise e a literatura. O leitor impressiona-se com o material produzido pelo escritor criativo, identifica-se e é despertado por emoções que talvez não se julgue capaz. O escritor não oferece uma explicação – pelo menos não uma explicação satisfatória – acerca de como se tornar também um escritor criativo, e sabemos nós que “nem a mais clara compreensão interna (*insight*) dos determinantes de sua escolha de material e da natureza da arte de criação imaginativa” ajudaria nesse processo (FREUD, S., 1908).

Sabemos também que Freud era apaixonado pela literatura: era um grande leitor de toda natureza de literatura. O único prêmio que ele veio a ganhar, em vida, foi o “Prêmio Goethe de Literatura”, no ano de 1930, prêmio este que deveria ser entregue a ‘uma

personalidade de realizações já firmadas cuja obra criadora fosse digna de uma honra dedicada à memória de Goethe'.²

Podemos ver referências a vários poetas em grande parte dos escritos de Freud. Ele já falava em alguns problemas da literatura criativa um pouco antes do seu estudo sobre *Gradiva*, e cerca de um ou dois anos antes ele já escrevera a respeito da ligação entre a psicanálise e a literatura em um ensaio não publicado sobre os “*Tipos Psicopáticos no Palco*”. Freud também utiliza-se da literatura em outros textos, tais como em “*Sobre Édipo Rei e Hamlet*” (1900 a 1905); “*Os Chistes e sua Relação com o inconsciente.*” (1905c); “*Uma Lembrança Infantil de Leonardo da Vinci.*” (1910c); “*Dostoievski e o Parricídio.*” (1928b); “*Prefácio a Edgar Allan Poe*”, de Marie Bonaparte. (1933d), entre outros. (FREUD, S., 1908)

Quando lemos um livro, erramos ao tentar analisá-lo “lendo as entrelinhas”, tentando descobrir o que o autor queria dizer com isso ou o que se esconde por trás das palavras, imaginar o que o autor sugere ou o que ele escreve nos lembra. Deve-se agir como um analista, prestando atenção ao que se *ouve* no texto escrito (NOEL, J-B., 1978, pág 18).

“(…) a análise dos processos inconscientes tem por vocação intervir em toda parte em que se desenvolve a "imaginação", isto é, afetos, uma obra de ficção, a representação de maneira mais ampla, e efeitos simbólicos. Ela pode julgar-se eficiente cada vez que o homem volta-se para si mesmo e cada vez que sua atividade de conhecimento sai da axiomática, da *physis* e da *techné* para interessar-se pelos aspectos “concretos” da existência e da história, da sociedade e do indivíduo” (Bellemin-Noel, 1978; pág. 18)

Ao escrever, o escritor suaviza seus devaneios, através de alterações e disfarces (como fazemos nós na elaboração onírica). Ele nos apresenta o prazer puramente formal, estético, deixando transparecer assim suas fantasias. Esse prazer nos faz usufruir da obra literária, liberando as nossas tensões. O autor oferece-nos o deleite dos nossos devaneios sem culpa ou vergonha (FREUD, S., 1908).

A psicanálise também dialoga com outras áreas do saber humano, como por exemplo, com a arte, a cultura, a política e a filosofia:

² Sua filha, Anna Freud, foi até Frankfurt para recebê-lo em nome do pai, que não pode ir devido sua doença, e o discurso que ele havia preparado foi lido por ela na cerimônia.

“[a psicanálise] situa-se entre as disciplinas humanas, e, como todas elas, depende de fatores extra científicos para se constituir e sobreviver. Esses fatores provêm do entorno social e cultural, de sorte que o não-diretamente clínico faz parte dela, como pressuposto, como objeto ou como aresta de contato” (MEZAN, R., 2002, pág. 10)

Não podemos negar a ligação da psicanálise com a arte. A relação de Freud com os artistas plásticos foi bastante questionada pelos historiadores de arte, pelo fato dele ter analisado várias obras de grandes artistas como sendo formações sintomáticas, mas, mesmo assim, podemos afirmar que a Psicanálise teve grande aceitação dentro das vanguardas artísticas.

Freud, desde o início da elaboração da sua teoria recorreu às artes, principalmente a literatura, e nos consagrou com vários exemplos, em seus escritos, de arte clássica, emanando assim a energia da psicanálise em seu contato com a arte. Por si só, a paixão de Freud pela literatura e a enorme contribuição desta em sua teoria justifica o presente trabalho.

Lacan, principal discípulo de Freud, antes mesmo de ouvir falar nas teorias deste – o que aconteceu por volta de 1923 – já tinha interesses pela literatura e filosofia. Formado nesse ambiente intelectual, Lacan faz uma releitura dos escritos de Freud, resgatando sua vertente criativa relacionada com a pulsão de morte - que havia sido esquecida pelos pós-freudianos – e que fora proposta por Freud em seu texto “*Além do Princípio do Prazer*”.

A arte está ligada à psicanálise pela questão da sublimação. Empregando a linguagem, ela é exercício da sexualidade, desviado dos fins de reprodução, fazendo comparecer a fantasia, que se mostra para além da sua criação. O artista, articulando a sua fantasia, se sustenta em seu desejo. O ato de criar está ligado diretamente à fantasia, a criação é a escrita do seu Sintoma. Entendemos por Sintoma aquilo que nos garante que há buraco, vazio, a falta, já que o que causa um nome é o inconsciente.

Lacan diz que "não há desenho possível para o que é do inconsciente, sendo este, portanto, irrepresentável". Podemos dizer, então, que a criação do artista é uma aproximação do que é o seu inconsciente, mas nunca que é o inconsciente precisamente.

3. PERVERSÃO: ESTRUTURA E DISCURSO.

Nesse momento do trabalho, abordaremos agora algumas questões acerca da perversão, fenômeno social, físico, estrutural e político, presente em todas as sociedades humanas e bastante complexo dentro da teoria psicanalítica.

A sexualidade humana é passível das mais variadas formas e modos de expressão, construindo-se a partir das pulsões – que não possuem objeto definido, podendo deslizar para objetos substitutos – e constitui-se um campo abrangente para uma investigação teórica e clínica.

Pervertere é o verbo latino do qual deriva-se a palavra perversão. Significa tornar-se perverso, desmoralizar, depravar, corromper, e seu emprego não é feito somente pela psicanálise. Sua origem é datada em 1444, e era usada no sentido de retornar, reverter, mas cedo ganhou o sentido de deplorável, de algo desprezível. A sexologia, no século XIX, empregou esse termo como desvio sexual. Seu uso foi cunhado pela psiquiatria francesa como sinônimo de anomalias, aberrações, e a partir do século XX seu uso preponderou como representante de certos comportamentos sexuais.

O interesse de Freud pelos temas da perversão foi instigado pela crença na existência real da cena da sedução. Essa crença levou-o a pesquisas sobre os mecanismos que estão presentes na sexualidade humana, para então escrever acerca da etiologia das neuroses.

A partir de 1905 Sigmund Freud adotou o termo perversão para a psicanálise, conservando apenas a idéia de que havia nos sujeitos perversos um desvio sexual em relação a uma norma. Nessa concepção nova, o seu significado não possui nenhuma conotação pejorativa ou valorizadora.

O sentido que a psicanálise Freudiana deu a perversão distingue-se do sentido dado pelo saber médico do século XIX. Em seus Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, de 1905, Freud examinou as descrições feitas pelos médicos Krafft-Ebing (1892) e Havelock Ellis a respeito das perversões. Muitas semelhanças são encontradas nas explanações acerca do sujeito perverso. Nesse texto, ele apresentou a perversão como a permanência na vida adulta de características perverso polimorfos, que são típicas da sexualidade pré-genital infantil, em detrimento da sexualidade genital por ele considerada normal.

Sobre o desenvolvimento sexual infantil, Freud diz, em “Sobre as Teorias Sexuais das Crianças 1908 – Vol. 09”, que as diferentes pressões da educação do instinto sexual irão fazer com que haja uma gama de variações individuais no comportamento sexual infantil. Esses fatores vão, sobretudo, influenciar a época do aparecimento do interesse sexual da

criança. Ele afirma: “Estou convicto de que nenhuma criança (...) pode evitar o interesse pelos problemas do sexo nos anos *anteriores* à puberdade”.

A escolha de um objeto é feita, habitualmente, durante os anos da infância. As correntes sexuais da criança passam a ser dirigidas para uma única pessoa, em relação a qual a criança buscará alcançar seus objetivos. Freud diz que “na infância a combinação dos instintos parciais e sua subordinação sob a primazia dos genitais só foram efetuadas muito incompletamente ou não o foram de forma alguma”. Desse modo, o estabelecimento da superioridade dos genitais para fins reprodutivos é a última fase da organização da sexualidade (FREUD, S. Vol. XIX, 1926).

Porém, a aproximação da vida sexual da criança não se limita unicamente ao surgimento da escolha do objeto. Em “A Organização Genital Infantil” (1923) ele afirma também que a principal característica dessa fase é a sua *diferença* da organização genital do adulto, e que, para ambos os sexos, o que entra em consideração é apenas o órgão sexual masculino: o que há, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, do pênis, mas sim uma primazia do falo.

O Complexo de Édipo é o fenômeno principal que ocorre no desenvolvimento do período sexual infantil. A destruição do Complexo ocorre devido à falta de sucesso que a criança obtém, em decorrência de experienciar comportamentos penosos. Essas experiências são inevitáveis e agem em oposição ao Complexo. A fase fálica é contemporânea ao Édipo e sucedida pelo período de latência (FREUD, S., Vol. XIX, 1924).

Freud afirma em “A Dissolução do Complexo de Édipo” que a criança do sexo masculino revela seu interesse pelos órgãos genitais quando passa a manipulá-los com frequência. A criança descobre que os adultos não aprovam esse comportamento quando esses o ameaçam, declarando que esta parte do corpo dele, tão valorizada e proporcionadora de prazer, será castrada. Na maioria das vezes a ameaça provém de uma mulher (mãe ou babá), e é reiterada por um homem, (pai ou médico), que levará a cabo a punição. O menino não acredita imediatamente na ameaça de castração, apenas quando ele vê o órgão genital feminino sua descrença tem fim, e pensa na possibilidade de poder ser também castrado.

Nos meninos, a aceitação da possibilidade de castração põe fim à obtenção de satisfação do Complexo de Édipo. Freud afirma que:

“Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse

conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta às costas ao complexo de Édipo.” (FREUD, S., 1924, p. 195)

Em “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos”, Freud afirma que a menina precisa de uma dupla mudança para que entre normalmente no Complexo de Édipo: é necessária uma mudança em seu órgão genital principal (um deslizamento do clitóris para a vagina) e uma mudança quanto ao seu objeto sexual. Análises rigorosas feitas por ele chegaram à conclusão de que o Complexo de Édipo na menina constitui, em algumas características, uma formação secundária e possui uma longa pré-história.

As meninas, nas brincadeiras com um irmão ou companheiro de brincadeiras, notam o pênis e o identificam imediatamente como correspondente ao seu órgão, pequeno e imperceptível, caindo assim vítimas da inveja do pênis: ela o viu, sabe que não o possui e quer tê-lo. Nesta fase, o complexo de masculinidade se manifesta nas mulheres, e pode dificultar o desenvolvimento a caminho a feminilidade, se não for superado cedo. Mesmo com tais problemas, o desejo de obter o pênis um dia pode persistir.

Uma primeira consequência da inveja do pênis é o complexo de masculinidade: a menina recusa o fato de ser castrada e acredita que realmente possui um pênis. Uma segunda consequência é o complexo de inferioridade: após ultrapassar a primeira tentativa de explicar sua falta de pênis e compreender que esse caráter sexual é universal, a menina começa a partilhar do desprezo sentido pelos homens em relação a esse sexo inferior num aspecto tão importante, e insiste em ser como um homem.

A terceira consequência da inveja do pênis é um afrouxamento da relação afetuosa da menina com o seu objeto materno, pois “a mãe da menina, que a enviou ao mundo assim tão insuficientemente aparelhada, é quase sempre responsável por sua falta de pênis” (FREUD, S., Vol. VIII, 1923). Freud afirma que o efeito mais importante da inveja do pênis é a tolerância a masturbação: as meninas são incapazes de usá-la em circunstâncias nas quais o menino a usaria como via de escape. Ela está mais afastada da natureza das mulheres, e a masturbação, pelo menos do clitóris, é uma atividade masculina, e a eliminação da sexualidade clitoriana é o que dá a vez ao desenvolvimento da feminilidade. A menina abandona a idéia de ter um pênis, substituindo pela idéia de ter um filho, e com esse fim, o pai torna-se objeto de amor e a mãe objeto de ciúme.

O complexo de Édipo é estruturante: em casos ideais, ele não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o superego torna-se seu herdeiro.

Freud (1905) diz ser a neurose o “negativo” da perversão, pois os impulsos “pervertidos” na neurose são reprimidos e manifestam-se através do inconsciente, e ao contrário do que ocorre na neurose, a sexualidade perversa não reconhece o recalque ou a sublimação. Nesse ponto de vista, a perversão é a manutenção da sexualidade infantil na vida adulta.

A perversão diferencia-se da neurose e da psicose pelo modo de funcionamento e de organização defensiva do aparelho psíquico. Ela apresenta um tipo próprio de subjetividade, de fantasia, e de desejo. O diagnóstico da perversão é muito mais complicado e duvidoso do que o diagnóstico da histeria e da neurose obsessiva, devido a seus extensos e variados traços. Um desses traços característicos é o do desafio e confronto à lei. A dissociação entre a regra e seu oposto, entre real e ideal, entre o bem e o mal, é uma das características da perversão (Dunker, 2010).

O sujeito perverso coloca-se a serviço do desejo como um escravo, podendo ir até as últimas consequências. Enquanto o sujeito neurótico fantasia, o sujeito perverso passa ao ato. As exigências de gozo do mundo atual fizeram a transgressão passar a ser um ato cotidiano, onde a quebra dos limites e barreiras importantes passam a ser vistas como normais: “A tônica do sem limite se manifesta em todos os níveis: do comportamento, da fala, da produção”. É no âmbito da produção literária como escape da passagem ao ato, pelo mecanismo e sublimação, que este trabalho se insere.

É importante, para o sujeito perverso, que a lei seja afirmada para que possa ser negada. A lei, para esses sujeitos, está inscrita em alguma parte do seu psiquismo. Do ponto de vista do perverso, cria-se a lei para em seguida negá-la. A lei orienta a vida desejante do sujeito perverso, a partir de seu inconsciente, e essa lei nada mais é que a lei social das instituições, das relações de autoridade e de pertinência. De ordem do poder, da família e do Estado.

Freud, em seus Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade (1905, pág. 180), afirma que a sexualidade infantil tem a característica de ser perversa, já que ela explora, exagera e transgredir diversos modos de satisfação, e é polimorfa porque admite muitas formas. Para ele, a “disposição para a perversão é um dado originário e universal da pulsão sexual dos seres humanos”.

No adulto a perversão se diferencia por seu caráter fixo, possui apenas uma forma, e pela função de quebrar a lei, desautorizando-a. A questão da perversão não é só a de violação da lei, mas também de intenção, do modo como nós nos colocamos e colocamos o outro

diante do que fazemos. No perverso, não há ausência de superego, mas sim uma espécie de superego estendido, no qual algumas experiências ocorrem de maneira deslocada, fora do sujeito, ou seja, ocorrendo no seu parceiro.

Em todos nós, estão presentes tipos de satisfação singulares. Essas satisfações estão atenuadas, mascaradas, restritas, mas não é pela presença ou ausência dessas fantasias que podemos definir a perversão. Não é suficiente saber se o sujeito é ou não contrário à lei, mas também qual o tipo de experiência que ele faz o outro vivenciar e também qual o tipo de posição que é conferida a esse outro.

No principal sintoma apresentado na perversão, o fetiche, nós vemos que o sujeito perverso transforma o outro em objeto inanimado, em um meio de gozo para seus fins, e o objeto em outro animado, fim para qual todos os meios utilizados se justificam. A condição “mor” para que todo objeto se transforme em viável no universo de consumo é que ele seja fetiche, e para funcionar desse modo, ele deve desagregar seu potencial de ilusão por um lado, e de seu efeito de decepção, por outro.

Para os perversos, os seus comportamentos “anormais” são reconhecidos como tal, mas raramente causam uma angústia para esses sujeitos:

“Não é preciso esperar que essas pessoas venham à análise por causa de seu fetiche, pois, embora sem dúvida ele seja reconhecido por seus adeptos como uma anormalidade, raramente é sentido por eles como o sintoma de uma doença que se faça acompanhar por sofrimento. Via de regra, mostram-se inteiramente satisfeitos com ele, ou até mesmo louvam o modo pelo qual lhes facilita a vida erótica.” (FREUD, S. 1927, pág. 155)

Um dos fatores que caracterizam o sujeito perverso é a impossibilidade de escolha. Ele dificilmente abandona sua modalidade sexual, seja ela qual for, sadismo/masochismo, voyeurismo/exibicionismo, fetichismo, dificilmente irá abandonar sua solução erótica: “Perder o único sistema de sobrevivência sexual de que dispõem seria o equivalente à castração” (FREUD, S. 1927, p. 188).

Freud descreve em seu texto “Fetichismo” a negação característica da Perversão. Ele afirmava que a denegação da castração pelos fetichistas não indica uma crença falsa a respeito da presença do falo nas mulheres, como ocorre na fase fálica. O sujeito de início acredita na

presença do falo na mulher, mas quando se percebe que a mulher não possui falo, essa crença é confrontada, e, é a despeito dessa percepção que a negação perversa irá incidir:

“Não é verdade que, depois que a criança fez sua observação da mulher, tenha conservado inalterada sua crença de que as mulheres possuem um falo. Reteve essa crença, mas também a abandonou. No conflito entre o peso da percepção desagradável e a força de seu contradesejo, chegou-se a um compromisso, tal como só é possível sob o domínio das leis inconscientes do pensamento - os processos primários. Sim, em sua mente a mulher teve um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou seu lugar, foi indicada como seu substituto, por assim dizer, e herda agora o interesse anteriormente dirigido a seu predecessor”
(FREUD, S. 1927, pág. 155)

O fetiche é um substituto, é o objeto que toma o lugar da suposição da presença do pênis na mulher, mas não qualquer pênis, e sim o pênis que o menino antes acreditou que a mãe possuía. Segundo Freud (1927), a rejeição incidente sobre percepção da castração feminina não é uma simples rejeição, o que acontece é a negação de uma percepção que ocorreu e em seguida foi negada. Foi constatada a falta do pênis na mulher, e esse fato em seguida foi negado. O fetiche permanece como um triunfo sobre a ameaça de ser castrado uma proteção contra esta ameaça. Ao mesmo tempo em que o perverso nega a castração, ele dá sinal de que esta ocorreu.

“De 1905 a 1927, portanto, Freud passou de uma descrição das perversões sexuais para uma teorização do mecanismo geral da perversão que já não era apenas o resultado de uma predisposição polimorfa da sexualidade infantil, mas a consequência de uma atitude do sujeito humano confrontado com a diferença sexual. Nesse sentido, a perversão existe tanto no homem quanto na mulher, mas não se distribui da mesma maneira entre os dois sexos, no que concerne ao fetichismo e à homossexualidade”.
(ROUDINESCO e PLON, p. 585, 1998)

Para os não psicóticos e não perversos, a descoberta da diferença entre os sexos tem efeito de fascínio, pois eles presentificam a diferença entre os pais (como homem e mulher). O perverso tem horror a essa diferenciação, pois, para ele a castração é real. Por isso seu principal mecanismo de defesa é a recusa.

Freud, ainda nos Três Ensaios (1905), distinguiu dois tipos de perversões: as perversões do objeto e as perversões do alvo. Ele definiu as perversões do objeto como sendo uma fixação num único objeto deixando de lado os demais; como, por exemplo, as relações sexuais com um parceiro humano (auto-erotismo, incesto, homossexualidade e pedofilia), e as relações sexuais com um objeto não humano (zoofilia, fetichismo, travestismo).

Freud diferenciou as perversões do alvo três espécies de práticas: o prazer visual (exibicionismo), o prazer de sofrer ou fazer sofrer (sadismo e masoquismo) e o prazer pela superestimação exclusiva de uma zona erógena: ou da boca, ânus ou do aparelho genital.

Em seus textos, Freud dá ênfase ao horror sentido pelo fetichista ao se deparar com a castração. E esse horror pode estar ligado a castração e a idéia de que ela pode ser concretizada, ser real, exigindo um mecanismo que dê de conta desse conteúdo que não consegue ser simbolizado.

A perversão tem seu ponto de partida no fetichismo, onde o que está em jogo é a crença numa feminilidade fálica. Esse fetiche pode ser direcionado a qualquer coisa, qualquer objeto pode ser fetichizado.

No masoquismo, o lugar ocupado pelo perverso é o de submissão. Do mesmo modo existe a fantasia que alguém é possuidor do falo, e o masoquista tira o direito do outro de comandar a sua própria vida, só o perverso que tem o poder de dar o falo para o outro. O perverso se mostra acima dos mortais, parece estar acima do bem e do mal, parece ser inatingível. É o senhor do seu gozo.

O horror que o perverso sente diante da diferença entre os sexos não é por ele transformado em fascínio, pois ele tem certeza de uma unissexualidade original, ou seja, todos são possuidores de pênis, e vive, assim, com duas idéias em seu ego, há uma divisão neste: ora a mãe possui um pênis, ora ela é castrada pelo pai. Assim, o perverso lida com a questão da castração e possui uma dificuldade central que é lidar com a falta.

Segundo Birman (1992), a sedução, no perverso, é centrada em fazer com que o outro sinta que é possível sim atingir o gozo, que um estado de onipotência pode ser realizado, e que o sujeito pode estar acima da castração. O perverso precisa acreditar que seu poder de sedução é maior do que qualquer lei, do que qualquer convicção. Ele faz o outro de bobo e sente prazer nisso. Ele sente prazer ao ver o outro abandonar seus próprios valores a favor da lei do desejo que o perverso acredita.

As leis, os princípios éticos, sociais, são por muitas vezes desafiados pelos perversos. A transgressão da lei é a única maneira que o perverso tem de se integrar a mesma.

Quanto à sexualidade, o sujeito perverso nega a relação de interdependência que ocorre. Ele prega a liberdade sexual, que na verdade é um engano, é o seu único acesso ao desejo. Diferentemente dessa liberdade pregada, há uma fixação em um modo de agir determinado, que o outro deve se submeter sem replicar.

No sujeito neurótico, as fantasias aparecem igualmente ao sujeito perverso, porém, os neuróticos as mantêm escondidas e sentem culpa e vergonha a respeito delas, atingindo o prazer utilizando-se da fantasia. Já o sujeito perverso, este faz questão de mostrar sua fantasia.

No que se refere a este trabalho, faremos no próximo tópico a análise do “discurso perverso”, no que se diferencia do “discurso *do* perverso” - estrutura clínica denominada perversão.

O “discurso do perverso” é a fala que se enquadra na estrutura clínica da perversão, é o sujeito perverso que produz o discurso. A expressão “discurso perverso” se refere a qualidade do discurso. Nele, a perversão aparece decorrente da *Verleugnung* (o desmentido), mecanismo que indica a perversão como constituinte da “estrutura” do sujeito (QUEIROZ, E. F., 2004).

Segundo a autora de “A Clínica da Perversão”, o “discurso perverso” qualifica o discurso, e a expressão “discurso do perverso” qualifica o sujeito. Ao identificarmos traços perversos no sujeito, não significa que estamos diante de um caso de estrutura clínica perversa. É complicado fazer um diagnóstico de estrutura perversa, pois suas fronteiras são bastante fluidas, e também por podermos ver com facilidade a presença de fantasias perversas em neuróticos. O discurso perverso vai além do diagnóstico estrutural.

O discurso perverso é o tipo de discurso que se caracteriza pelo falar sem limites, uma fala obscena, que mostra mais do que significa. Segundo Serge André, o falar sem limites é campo próprio do perverso, já que é na própria fala que ele atua (QUEIROZ, E. F., 2004, pág. 22). O discurso perverso relata com riqueza de detalhes as relações amorosas e práticas sexuais, falando assim sobre o gozo, sem dar significação às experiências de prazer. Esse discurso é basicamente descritivo, imaginário e denotativo.

As palavras tem menos função de representação e mais de “mostração”. O sujeito, em seu discurso, encena por meio de palavras, que deslizam metonimicamente sem barreiras, assim como os objetos de satisfação.

Hoje, autores como Contardo Calligaris e Carlos Augusto P. Junior apresentam uma nova leitura da perversão, que, ao invés de pertencer ao campo sexual, passa a situar-se no campo das relações sociais como condição de fazer laço. As questões fundamentais do sujeito

perverso são o desmentido, a dificuldade de colocar limite ao gozo e a perturbação na relação com o outro.

Neste trabalho, nos propomos a fazer uma análise dessa discurso perverso a partir de trechos do livro “*História do Olho*”, do escritor francês Georges Bataille, que, curiosamente, começou a escrever seus livros por indicação do seu psicanalista, Adrien Borel, que o estimulou a “colocar no papel suas fantasias e obsessões de infância”.

Bataille afirmou: “escrevo para apagar meu nome”. Em “*A História do Olho*”, ele expressa esse seu desejo de apagamento, o publicando com o pseudônimo de Lord Auch, e também ao dissimular certos traços que permitiram identificar o verdadeiro autor. Tanto no livro quanto em sua vida, ele possuía um pai cego e paralítico.

O tratamento psicanalítico teve êxito com a indicação de Borel, que fez com que Bataille desse curso livre aos excessos de sua imaginação, ao realizar no simbólico (a escrita) as exigências que o atormentavam e o levavam à vida mundana. Para ele: “sendo inorgânica, a literatura é irresponsável. Nada pesa sobre ela, pode-se dizer tudo”. Essa possibilidade de transformar a substância da vida em textos, livros, levou-o a um tipo de cura e a nascer como escritor (BATAILLE, G., 2003, pág. 10).

Aqui não nos propomos a fazer uma análise de estrutura (o que não convém, por se tratar de uma obra de ficção, não um caso clínico). No próximo tópico faremos uma análise de alguns trechos da obra “*História do Olho*” sob uma óptica psicanalítica.

4. ANÁLISE DA OBRA

Análise do livro “*História do Olho*”, de Georges Bataille.

O estilo do homem tem relação com a sua forma de gozar. Georges Bataille, em sua escrita, nos mostra um discurso perverso, descritivo, com objetivo de chocar seu ouvinte, e isento de subterfúgios psicológicos. Sua escrita é uma forma de “se virar” com seu sintoma. A experiência da escrita, assim como o da análise, permite que o sujeito tenha condições de transformar a vivência do *pathos* em uma experiência produtora de sentido. (QUEIROZ, E. F., 2004, pág. 55). O excedente de gozo invade a vida, o discurso do sujeito.

Em “A Clínica da Perversão”, a autora cita Dorenzo, Mezan e Cesarotto, que afirmam que “escrever (...) é tentar dominar uma experiência difícil de dizer, seja por seu efeito de excesso ou pela impressão de um vazio. É tentar apoderar-se de algo, cercar, imprimir, inscrever, tanto o que obceca, como o que lhe escapa”.

O livro “*História do Olho*” lança mão de um jovem narrador que insiste em se manter no plano da objetividade. Percebemos que os relatos das experiências são meras descrições de fatos. Bataille escreve seu livro, que muitos estudiosos dizem se tratar de uma autobiografia, de forma clara e direta. Os seus personagens principais, o narrador e sua parceira, vivem numa prisão onírica, que lhes dá direito a liberdade.

Os relatos das suas experiências repetem-se como mera descrição de fatos. O autor inicia sua narrativa falando de sua angústia pelos assuntos relativos ao sexo, e de como conheceu sua parceira, Simone, de forma bastante realista:

“Fui criado sozinho e, até onde me lembro, vivia angustiado pelas coisas do sexo. Tinha quase dezesseis anos quando conheci uma garota da minha idade, Simone, na praia de x. (...) Comecei a me dar conta que ela partilhava minha angústia, bem mais forte naquele dia em que ela parecia estar nua sob o avental”. (pág. 23, *Capítulo 01 – O Olho do Gato*).

O jovem narrador afirma que, depois de descobrir que sua amiga partilhava de tal angústia, começa entre eles um novo tipo de relação:

“Assim começa entre nós uma relação amorosa tão íntima e tão urgente que raramente passamos uma semana sem nos ver. De certa forma, nunca falamos disso. Percebo que ela tem, na minha presença, sentimentos semelhantes aos meus, difíceis de descrever.” (pág. 24, *Capítulo 01 – O Olho do Gato*).

O sujeito na posição “perversa” busca uma relação “dual” e essa mantém de forma duradoura um par, na condição de que o outro compactue com as suas fantasias; ele requer o estabelecimento de pactos e cumplicidades. É justamente o que ocorre no casal Narrador – Simone, os dois compactuam da mesma angústia em relação ao sexo, e realizam juntos as suas fantasias.

Ele descreve Simone, sua parceira das brincadeiras mais íntimas, como sendo:

“(...) alta e bonita; nada tem de angustiado no olhar ou na voz. Mas é tão ávida por qualquer coisa que perturbe os sentidos, que o menor apelo confere

ai seu rosto uma expressão que evoca o sangue, o pavor súbito, o crime, tudo o que arruína definitivamente a beatitude e a consciência tranquila” (*Capítulo 01 – O Olho do Gato*, pág. 25)

Embora a perversão não se coloque do lado da mulher, as fantasias perversas podem estar presentes em sua organização subjetiva e, dependendo do destino que a pulsão toma, elas podem ser recalçadas, sublimadas ou manifestas. Simone colocava em ato suas fantasias com seu amigo, diante de um pacto silencioso:

“Devo dizer aqui que passamos muito tempo sem fazer amor. Aproveitamos as ocasiões para nos entregarmos as nossas brincadeiras. Não que o pudor nos faltasse, pelo contrário, mas uma espécie de mal-estar nos obrigava a desafiá-lo”. (*Capítulo 01 – O Olho do Gato*, pág. 25)

Nessa fala podemos perceber a questão das quebras de barreiras e desafio à lei. A questão da transgressão – e da angústia que ela gera – aparece no discurso como um mal estar que obrigava-os a desafiar o pudor que eles sentiam. Eles não conseguem se organizar na lei senão transgredindo-a.

A mãe de Simone surpreende os dois durante uma de suas brincadeiras. Simone havia adquirido o hábito de quebrar os ovos sentando-se sobre os mesmos, despida e sob o olhar atento de seu amigo. Sua mãe, descrita como uma mulher “doce” e tendo uma “vida exemplar”, apenas assistiu a cena, sem dizer palavra:

“(…) de modo que nós nem percebemos sua presença: acho que não conseguia abrir a boca, de tanto pavor.” (*Capítulo 02 – O Armário Normando*, pág. 29)

O sujeito dividido (a mãe de Simone) é que se choca. Ao ver a filha nua, entre brincadeiras com o jovem amigo, não consegue nem falar diante do horror. Entretanto seu silêncio também se torna pacto na cena.

Desse modo, o sujeito dividido permite ao sujeito perverso que ele goze, resguardado-o da angústia de castração: enquanto ele goza, o outro é que se choca, o outro que sofre o horror de se constatar castrado, enquanto o sujeito perverso continua sem reconhecer sua divisão. Esse é o triunfo sobre a angústia de castração (BARBIERI, C. P., 2007, pág 37).

O texto narra uma cena em que o casal convida Marcela, uma amiga que já havia participado de brincadeiras eróticas e se tornara a nova obsessão deles. Nesse novo encontro,

participam de um chá com mais alguns amigos, o que se transformou numa festa regada a bebidas, prenuncio de uma orgia.

Marcela fica em choque ao ver Simone, em meio ao grupo, masturbando-se e tranca-se dentro de um armário, dividida entre chocada e excitada, o que culmina numa ceda de masturbação também. Quando finalmente sai do armário, grita de pavor, confusa, faz um escândalo que chamou atenção de muita gente, tornando pública a festa do grupo, expondo o excedente da quebra de pudor daquela reunião:

“Coisa estranha, esses gritos me devolveram o ânimo. Alguém iria aparecer, era inevitável. Não pensei em fugir, nem tentei diminuir o escândalo. Pelo contrário, fui abrir a porta: espetáculo e gozo inauditos! (...) Foi preciso recorrer à polícia. O bairro inteiro testemunhou o escândalo inusitado.”
(*Capítulo 02 – O Armário Normando*, pág. 33)

Nesse trecho, percebemos que aparece tanto a questão da importância do olhar do outro, quanto à questão da transgressão da lei. O olhar é para ele a reconfirmação permanente que de sempre existirá um objeto para ser olhado. O narrador nos mostra o que não pode dizer, e nos diz *mostrando*. Esse modo de funcionamento é um traço que se manifesta em vários aspectos da vida do sujeito. Ele lança mão do desmentido, a *Verleugnung*, mecanismo próprio da perversão: “eu sei do interdito, mas mesmo assim transgriro” (QUEIROZ, E. F., 2004, pág. 67).

Depois do ocorrido, o jovem narrador foge de casa, deixando um bilhete onde afirma que irá se suicidar caso alguém vá atrás dele, mas logo depois afirma que:

“Nunca procurei tomar o que se chama ‘uma atitude’. Queria apenas chocar minha família, inimiga irredutível dos escândalos. Mesmo assim tendo escrito o bilhete levianamente e me divertido com ele, não achei má idéia colocar no bolso o revólver do meu pai.” (*Capítulo 03 – O Cheiro de Marcela*, pág. 35).

Percebe-se que a questão do horror provocado, citado acima, que passa pela questão do exibicionismo/voyeurismo, pares de opostos presentes na questão do perverso. O protagonista se mostra, se deixa ser pego durante uma orgia, e descreve, em detalhes mínimos, o corpo de suas amigas, denotando assim, um prazer em ver e um gozo ao fazer tais descrições.

Esse mesmo modo de descrever Simone e Marcela e descrever as relações sexuais que eles tinham, reflete um discurso onde a palavra espelha a ação. Trata-se de um discurso imagético, onde são descritas em detalhes suas vivências sexuais. Há, portanto, a ação e a descrição dessa ação, nada mais:

“Senti um líquido encantador escorrer por minhas pernas. Quando ela terminou, foi minha vez de inundá-la. Levantei-me, subi até sua cabeça e enchi seu rosto de porra. Suja, ela gozou como louca. Aspirava, feliz, nosso cheiro”. (*Capítulo 03 – O Cheiro de Marcela*, pág. 37).

Na medida em que o narrador relata sua história, dá-nos uma sensação de que ele vivia beirando os limites, dos outros e dos seus. A forma em que narra o seu gozo, escorre pelas palavras, como que perpassando pelas pulsões parciais e anárquicas da infância. Ele fala do prazer em apologia aos órgãos do sentido, destacando a dor, a pele, e o prazer de falar sobre o que sente.

Marcela entra na fantasia do casal protagonista/Simone, tornando-se a nova obsessão destes, porém, como sujeito castrado, ela não suporta a culpa que sente pelos seus atos, e é recolhida então a uma casa de repouso. É próprio do sujeito dividido, ao ultrapassar a fantasia a pondo em ato, a punição através do sintoma, que pode até levar a morte, sendo esse o preço e o efeito que Marcela paga quando responde pela castração.

O protagonista e sua amiga vivem tudo com exageros e excessos: a obsessão dos dois por Marcela (não fazem mais amor sozinhos, pois esperam por ela), as aventuras que travam quando descobrem que ela está internada numa casa de repouso (vão procurá-la no cair da noite, tiram as roupas e entram no castelo, fazem amor nos jardins), se masturbam enquanto andam de bicicleta, quando fogem da casa de repouso, o que causa um acidente:

“Ela se masturbava no selim com movimentos cada vez mais bruscos. Assim como eu não tinha esgotado a tempestade evocada por sua nudez. Eu ouvia seus gemidos roucos; ela foi literalmente arrebatada pelo gozo e seu corpo nu foi jogado sobre o talude com um ruído de aço arrastando os cascalhos. Encontrei-a inerte, a cabeça caída: um fio estreito de sangue tinha escorrido por um canto da boca” (*Capítulo 05 – Um fio de Sangue*, pág. 47).

Em toda a narrativa, identifica-se que há sempre uma busca de gozo que ronda os limites da morte, sendo assim o risco uma constante em suas vidas. Há, no sujeito perverso, a

“existência de uma espécie de sacrifício propiciatório oferecido ao ministério feminino, antes de qualquer possibilidade de desmascará-lo, por isso, põe-se em situação de risco” (QUEIROZ, E. F., 2004, pág. 82).

“(…) sendo a morte a única saída para a minha ereção, uma vez mortos, Simone e eu, o universo da nossa visão pessoal seria substituído por estrelas puras, realizando a frio o que parecia ser o fim da minha devassidão, uma incandescência geométrica (coincidência, entre outras, da vida e da morte, do ser e do nada) e perfeitamente fulgurante” (*Capítulo 05 – Um fio de Sangue*, pág. 47).

Encontra-se em jogo, nessa recusa, um fantasma de indestrutibilidade do corpo, onde o narrador se recusa a ver a si mesmo como vulnerável, um sentimento de onipotência é sustentado (FERRAZ, P. C., 2010, pág. 61).

Depois do pequeno acidente, Simone adoece e seu amigo passa a cuidar dela. Quando a mãe da menina entrava no quarto, ele se dirigia ao banheiro, e Simone impedia sua mãe de entrar lá, afirmando que lá tinha um homem nu.

Devido o ocorrido, transcorre-se um período de calmaria na vida dos dois. Eles esperavam Simone recuperar sua saúde para que eles fossem novamente atrás de Marcela, para retirá-la da prisão que os separava. Apenas brincadeiras eróticas com ovos cozidos ainda quentes os livrava da obsessão pela menina.

O jovem considera Simone curada quando, em uma dessas brincadeiras, a menina se masturba e urina nos ovos. Ele lembra, no final dessa narração, que o quarto de um doente é um lugar apropriado para o encontro da lubricidade infantil:

“Chupava os seios de Simone enquanto esperava os ovos quentes. Ela acariciava a minha cabeça. Sua mãe nos trouxe os ovos. Não virei a cabeça. Tomando-a por uma criada, continuei. Quando reconheci sua voz, continuei imóvel, sem renunciar ao seio nem por um instante; baixei as calças, como quem tivesse que satisfazer uma necessidade, sem ostentação, mas com o desejo de que ela fosse embora e com o prazer de ultrapassar os limites” (*Capítulo 06 – Simone*, pág. 25)

Mas uma vez podemos ver no discurso a questão da quebra das leis, da ultrapassagem das barreiras. Depois disso, não falaram mais em ovos, com uma única exceção. Sempre que viam um, não conseguiam se olhar de frente.

O sujeito na posição perversa não aceita que a mulher seja castrada, e se utiliza do objeto fetiche para simbolizar o falo perdido. O objeto escolhido pelo sujeito torna-se um substituto do objeto sexual, mantendo uma relação com a pessoa que o substituiu, de preferência uma relação com a sua sexualidade (FREUD, S., Vol. VIII, 1905).

Nosso protagonista e sua amiga elegem o objeto fetiche ovo, que depois desliza para os colhões do touro e finalmente para o olho do padre morto, como objeto fetiche, uma solução para o problema da falta e uma proteção contra a angústia de castração.

Quando Simone fica realmente curada, eles vão em busca de Marcela, queriam tirá-la da casa de loucos que ela havia sido internada. Eles conseguem tirá-la da casa e levam-na embora. A menina, quando liberta, faz amor com os dois amigos. Eles a hospedam na casa de Simone. Ao chegar lá, reconhece o armário normando que trancara no episódio em que surtou. Novamente ela começa a gritar e o casal, que não tinha outra opção, deixam-na sozinha no quarto. Quando estão de volta, se deparam com Marcela enforcada dentro do armário. Depois do acontecido, o narrador fala a respeito de sua angústia acerca dos prazeres da carne:

“Para os outros, o universo parece honesto. Parece honesto para as pessoas de bem porque elas têm os olhos castrados. É por isso que temem a obscenidade. Não sentem nenhuma angústia (...). em geral, apreciam os “prazeres da carne”, na condição de que sejam insossos. Mas, desde então, não havia mais dúvidas: eu não gostava daquilo a que se chama “os prazeres da carne”, justamente por serem insossos. Gostava de tudo que era tido por “sujo”. Não ficava satisfeito, muito pelo contrário, com a devassidão habitual, porque ela só contamina a devassidão (...). a devassidão que eu conheço não suja apenas o meu corpo e meus pensamentos, mas tudo o que eu imagino em sua presença (...)”. (*Capítulo 08 – Os Olhos Abertos da Morta*, pág. 58)

Ao descobrir Marcela morta, os dois ficam excitados, Simone começa a “se comportar mal”, e eles fazem amor ao lado do cadáver. Os três ficam muito calmos, e isso era o que mais angustiava o jovem.

McDougall (1995) situa a perversão como uma solução infantil para os conflitos dilacerantes do ego. Os comportamentos desviantes são vivenciados pelo sujeito como práticas integrantes da sua identidade. Eles não tem escolha, precisam vivenciar seus comportamentos considerados desviantes. A angústia aparece apenas quando o sujeito vivencia sua prática como egodistônica. Apesar disso, as soluções eróticas são raramente

abandonadas pelo sujeito, pois perder o único sistema de funcionamento sexual corresponderia à castração.

A angústia sentida pelo jovem narrador o levava a continuidade dos seus atos, porém depois da morte de Marcela, seus dias se transformam num tédio interminável. Para fugir da polícia, eles fogem para a Espanha, junto de Sir Edmond, um amigo inglês de Simone, que havia proposto que a raptaria e a sustentaria.

Segundo Serge André, a perversão é um certo modo de pensar. Esse pensamento possui uma essência demonstrativa que decorre as relações do perverso com a Lei. Nossos protagonistas estão sempre transgredindo as leis morais e sociais e fugindo logo depois, para evitar o encontro com a castração (ANDRÉ, S. 1995, p. 312).

Os três viajam para a Espanha, e Simone torna-se aborrecida e entediada. Se prendia a vida somente pelos orgasmos, então menos frequentes, porém mais intensos que os anteriores a morte de Marcela. Sir Edmond proporcionava aos dois entreatos obscenos, e o que Simone preferia eram as touradas.

Durante uma das touradas em que o casal de amigos estava presente, o inglês contou-os um costume dos espanhóis viris: o de comer assados os colhões do touro que acabara de ser morto. Simone se interessa e pede a Sir Edmond os colhões do próximo touro, porém queria que os trouxessem crus, em um prato. Quando os colhões chegam, ela fica desejosa de sentar nua sobre eles, porém os amigos não permitem, havia muitas pessoas ali. O casal então sentiu um intenso mal estar que deveria ser eliminado, eles tinham uma vontade imensa de fazer amor no exato momento.

Assistiam então a tourada, onde Granero, um jovem toureiro que Simone havia se interessado, estava na arena com o touro. Num instante, seu amigo vê Simone mordendo um dos colhões. Granero avançara ao mostrar para o touro a sua capa vermelha, e Simone então penetrava o segundo colhão em sua vagina. Granero é derrubado e atingido com três golpes pelo touro. Um dos seus chifres atravessa sua cabeça. Os gritos da arena se misturam e confundem-se com os espasmos de Simone, que via tudo. Alguns homens se precipitam e seguram Granero, enquanto a multidão de pé vê o olho direito de Granero, que havia sido arrancado, dependurado no chifre do touro.

Após esse episódio, Simone torna-se aborrecida novamente, e eles então viajam para Sevilha. Em um passeio pela cidade, passam por uma igreja, que diziam ser de Don Juan. Simone se interessa e entra. Volta às gargalhadas e leva seus amigos para dentro. Ela entra no confessionário e começa a conversar com o padre.

O trio comete mais um excesso: Simone faz sexo oral no padre, e com ajuda dos dois amigos faz o padre ter um orgasmo no recipiente das hóstias e urinar no recipiente do cálice. Eles sufocam o padre até ele morrer, e Simone pede ao inglês que ele tire o seu globo ocular com uma tesoura.

Este excesso é o último que o protagonista nos conta, afirmando que depois passam a viajar disfarçados e desaparecem para sempre:

“Após quinze anos de excessos cada vez mais graves, Simone foi parar num campo de torturas (...) morre como quem faz amor, porém na pureza (casta) ou na imbecilidade da morte.” (*Plano Para uma Continuação da História do Olho*, pág. 89)

Ao longo da narrativa, o encontro dos protagonistas com a morte é uma constante:

“Sendo a morte a única saída para a minha ereção, uma vez mortos, Simone e eu, o universo da nossa visão pessoal seria substituído por estrelas puras, realizando a frio o que parecia ser o fim da minha devassidão, uma incandescência geométrica (coincidência, entre outras, da vida e da morte, do ser e do nada) e perfeitamente fulgurante.”

Os caminhos para a morte são seguidos pelas pulsões de conservação, fazendo parte do quadro dos fenômenos da vida. Nessa fala, o protagonista refere-se claramente do gozo final com a morte, sendo esta o caminho para a completude. O encontro com a morte é o encontro total de gozo.

5. CONCLUSÃO

Acreditamos ter sido possível atingir o objetivo deste trabalho, pois acima foi caracterizado brevemente qual a função da psicanálise quando trabalha perpassa pela literatura: referencia, exemplifica, extrai características desta, traçando um perfil de um autor e enriquece a própria teoria. À literatura, a psicanálise oferece a oportunidade de aprofundamento do processo de criação e de libertação do inconsciente.

Em sua prática, Freud sempre reconheceu que a arte e a literatura antecipam e confirmam as descobertas da clínica analítica. Ele sempre se valeu da análise das obras literárias para interpretar seus autores. Ele buscava conhecer a fonte da qual o artista retirava seu material, que desperta tantas emoções que desconhecíamos.

Nos utilizamos da psicanálise como uma lente de aumento para entendermos mais profundamente a obra, já que se trata de uma manifestação do inconsciente, e, assim, encontramos também no livro *“História do Olho”* características da personalidade do seu autor. Embora esse não seja o foco em questão, haja vista que uma vez transformado em texto literário a escrita se transforma em obra de ficção.

A análise desse livro nos mostra como a psicanálise enriquece um texto ao interpretá-lo, e, ao mesmo tempo, é enriquecida por ele. É uma via de mão dupla: tanto podemos analisar psicanaliticamente uma obra literária, quanto enriquecer o nosso processo criativo partindo de reflexões feitas em análise.

Em seus escritos, elementos inconscientes do sujeito certamente estão presentes na história que é contada. Ao escrever, o escritor sublima suas pulsões, desviando, assim, o desejo para o campo do simbólico; transforma sua história, ou o seu sintoma em ficção.

ABSTRACT

In this work, we analyze, in a psychoanalytic view, how the perverse discourse appears in the book *History of the Eye*, written by Georges Bataille. At first, we will make an explanation about the relationship between psychoanalysis and literature, that already appears in Freud's writings. We also argue about the path taken by the subject until it gets stuck in a perverse position and how it appears in the discourse. Then, we analyze the main lines of the book, where the refusal of castration (the "Verleugnung"), the transgression of the laws, fetishism and enjoyment without limits, among other mechanisms of the primordial perverse, appears and are characterized as a perverse discourse.

KEYWORDS: Psychoanalysis, Perversion, Literature, Perverse Discourse.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Serge (1994). **O que quer uma mulher?**. Jorge Zahar Editor, ___ edição. Rio de Janeiro, 1994.

_____ (1995). **A Impostura perversa**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1995.

BARBIERI, Cibele Prado. **A postura perversa é a impostura**. *Estudos psicanalíticos*, Ago 2007, no.30, p.35-41. ISSN 0100-3437

BATAILLE, G. História do Olho. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. Tradução: Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

BIRMAN, Joel. Ensaio sobre o estilo em psicanálise, 1992.

CECCARELLI, Paulo Roberto (2002). Configurações edípicas na contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. In: **Pulsional. Revista de Psicanálise**. Ano XV, nº 161, p.p 88-98. Setembro, 2002.

CECCARELLI, P.R. Potencialidades de perversão. *Boletim de novidades da livraria pulsional*, São Paulo, ano XI, 113, 79-82, set. 1998.

DOR, Joel (1994). **Estruturas e clínica Psicanalítica**. Editora Tauros. Rio de Janeiro, 1994.

FREUD, Sigmund. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1972.

_____. O feticismo. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. A divisão do ego no processo de defesa. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____ (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: FREUD, Sigmund. **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos**. Volume IX. Editora Imago. Rio de Janeiro, 2006.

_____ (1914). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In: FREUD, Sigmund.

_____ (1923). A organização genital infantil: Uma interpolação na Teoria da Sexualidade.. In: FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Volume XIX. Editora Imago. Rio de Janeiro, 2006.

_____ (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. **O ego e o Id e outros trabalhos**. Volume XIX. Editora Imago. Rio de Janeiro, 2006.

_____ (1908) Escritores criativos e devaneio (1908). Obras Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1970, vol.IX, ps 135-143.

MCDOUGALL, J. (1995). *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. Tradução de Pedro Henrique Bernardes Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JULIEN, Philippe (2002). **Psicose, perversão, neurose: A leitura de Jacques Lacan**. Editora Companhia de Freud. Rio de Janeiro, 2002.

LACAN, Jacques (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Jorge Zahar Editor. 1998.

_____. (1957-1958). **As formações do inconsciente**.

_____. (1957). **A relação de objeto**. O seminário. Livro 4.

_____. (1958). A significação do falo. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1998.

_____. (1966). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1998.

MEZAN, R. (2002a). Sobre a epistemologia da psicanálise. In R. Mezan, *Interfaces da psicanálise* (pp. 436-519). São Paulo: Companhia das Letras.

QUEIROZ, Edilene Freire (2004). **A clínica da perversão**. Editora Escuta. São Paulo.

QUINET, Antônio (1951). **Teoria e clínica da psicose**. Editora Forense Universitária. 4ª edição. Rio de Janeiro, 2009.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.